

Mercado deve ser mais difícil e competitivo

por Elpidio Marinho de Mattos
de São Paulo

Os anos noventa preocupam as empresas não tanto pelas mudanças que terão de fazer para se adaptarem a uma economia mais livre, mais concorrencial, mas principalmente quanto ao dinheiro para financiar essas mudanças.

Para os empresários ouvidos por este jornal não há como negar que os bons tempos de mercado protegido, de preços administrados, de dinheiro fácil e barato do BNDES, estão ficando para trás. O que vem daqui por diante é um mercado mais difícil, mais disputado, mais rico de confrontos e portanto exigindo mais criatividade, administrações mais voltadas para a produtividade.

Um mercado onde o diretor-financeiro passa a demonstrar sua eficiência não pela sua capacidade de gerenciar as sobras de caixa, de encontrar o melhor rendimento para o dinheiro bêboso, mas pela sua eficiência em encontrar as melhores condições de captação de dinheiro de longo prazo. E para que esse dinheiro?

As empresas estão antecipando também que depois de uma década em que a taxa de investimentos ficou abaixo da taxa demográfica, é inevitável que neste final de milênio as coisas ocorram de maneira diferente. É provável que a concorrência, seja de dentro ou de fora, forçará as empresas, até mesmo pela necessidade de vender mais, a encontrar novos mercados e novos consumidores, a investir em ampliações e em novas unidades de produção.

Onde encontrar o dinheiro? Moysés Gedanke, vice-presidente da empresa de consultoria Arthur De Little, pergunta, para logo em seguida responder: Por que o dinheiro estrangeiro foi embora? Porque o Brasil deixou de ser uma boa

opção de investimento. Durante quase toda a década de 80 o fluxo de capitais foi negativo, saiu mais do que entrou dinheiro estrangeiro.

E, o que é mais grave, nos últimos dois anos, as empresas estrangeiras, além de não realizar novos investimentos, passaram a não reinvestir os lucros obtidos no País e a aumentar suas remessas de lucros para as matrizes.

Gedanke afirma convicto que não faltará dinheiro para novos investimentos. Uma parte desse dinheiro virá com o próprio resultado das mudanças. Restabelecida a confiança, que ele espera venha acontecer se o governo não vacilar em sua política de estabilidade econômica, os prazos dos empréstimos se alongarão, os bancos terão mais dinheiro para financiar investimentos e o fluxo de capitais deixará de ser negativo.

O diretor da Arthur De Little acha que a liberalização da economia obrigará as empresas a investir — a investir não só na produção mas também e necessariamente na organização, na maneira como administrar a empresa em uma economia mais aberta à concorrência.

A Cia. Paulista de Ferro-Ligas está consciente de que os tempos são outros, que a economia está-se abrindo aos ventos do liberalismo que sopram lá de fora, e isso é muito bom, pois é da briga pelo mercado que se dão os grandes avanços tecnológicos e o consumo se expande.

A Ferro-Ligas, a maior exportadora desse produto siderúrgico, acha que o dinheiro não chega a ser problema para seus investimentos futuros. Agora mesmo acaba de se encerrar o prazo para seus acionistas exercerem o direito de preferência em duas subscrições públicas de ações. Através dessas emissões, o grupo está cap-

tando Cr\$ 3 bilhões, metade para a Ferro-Ligas e metade para a sua controlada Sibra, e tudo com a garantia firme das instituições financeiras coordenadoras do "underwriting".

Para Jorge Humberto Boratto, vice-presidente executivo da Eucatex S.A. Indústria e Comércio, a preocupação com desperdícios e com custos de produção será cada vez maior. Sob a tutela do Estado, as empresas não encaravam a produtividade mais seriamente porque tudo era repassado aos preços. "O que eu imagino é que as duas vias de comércio — a importação e a exportação — venham a médio prazo ser somadas, o dobro do que são hoje", projeta Boratto. Segundo ele, a Eucatex, particularmente, tem balizado sua busca de produtividade pelo comércio internacional e não é de hoje seu esforço para enfrentar a concorrência lá fora. "Atualmente, a dificuldade que temos encontrado é câmbio, mas acreditamos que o governo será bastante hábil no manejo da taxa para que o problema cambial não atrapalhe a busca pela eficiência", explicou Boratto.

O setor de informática é um caso a parte. É considerado o mais vulnerável a uma política de liberdade comercial. A indústria nasceu e cresceu protegida pela reserva de mercado, mas, pela nova política, terá o prazo de dois anos para se modernizar e tornar-se competitiva. "É um problema de tempo e não de capital", afirma Arthur Cesar Falcão, diretor de uma das mais dinâmicas e avançadas empresas da área de microcomputadores — a Microtec Sistemas Indústria e Comércio S.A. Ele cita o exemplo de sua própria empresa. Ela foi instalada há mais de dez anos e só agora está com toda a sua base de distribuição e assistência montada.